

RONILSON JOSÉ DA PAZ  
(ORGANIZADOR)

fundamentos, reflexões e experiências  
em **educação ambiental**





Licença Creative Atribuição-Usó Não-Comercial-Vedada a Criação de  
Obras Derivadas 2.5 Brasil Commons.

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/2.5/br/legalcode>

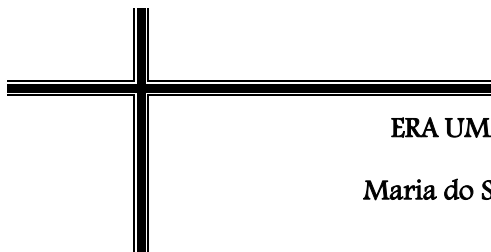
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>

Souza, M.S.B. & Souza, E.A. Era uma vez... *In*: Paz, R.J.  
(Org.). **Fundamentos, Reflexões e Experiências em Edu-  
cação Ambiental**. João Pessoa: Editora Universitá-  
ria/UFPB, 2006. p.263-271. ISBN 978-85-7745-038-1



Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

© 2006 **Ronilson José da Paz**. Caixa Postal 5063, 58051-970 João Pessoa, PB.  
E-mail: [ronilson.paz@gmail.com](mailto:ronilson.paz@gmail.com)



## **ERA UMA VEZ...**

**Maria do Socorro Belarmino de Souza\***  
**Elivan Arantes de Souza\*\***

Era uma vez uma sala de aula como outra qualquer. A professora e alguns alunos. Ah, uma turma que, por estudar a terceira série do ensino fundamental, precisava conhecer melhor a História e a Geografia da Paraíba.

Não. Não era uma sala de aula qualquer, ela funcionava no Instituto dos Cegos da Paraíba “Adalgisa Cunha” e tanto os alunos quanto a professora não dispunham do sentido da visão física. O fazer pedagógico não era diferente. Aulas expositivas, exercícios e provas. Sim, provas cujas notas eram atribuídas pelos próprios alunos que avaliavam os seus acertos e certezas de respostas a perguntas abstratas.

---

\*Maria do Socorro Belarmino de Souza (suzi.bel@terra.com.br)  
Instituto de Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha  
Av. Santa Catarina, 396 - Bairro dos Estados  
João Pessoa – PB  
58030-070

\*\*Elivan Arantes de Souza (elivan.souza@ibama.gov.br)  
IBAMA - Cemave  
BR 230 - km 10, Mata da AMEM  
Cabedelo – PB  
58310-000

Sim, havia as carteiras dos alunos, a mesa da professora e o livro-texto com informações históricas e geográficas, algumas até carecendo de atualização.

A professora descrevia os conteúdos, os alunos ouviam as explicações e as aulas seguiam versando sobre tipos de relevo, vegetação, diferenças climáticas, rios e fauna da região. Sim, a professora falava o que lia no livro e os alunos ouviam e repetiam em provas e exercícios aquelas informações.

O livro-texto poderia ser assim chamado no sentido literal da palavra. Era uma compilação de textos sobre a história e a geografia da Paraíba cujas ilustrações não apareciam e seriam mesmo dispensáveis pois, tocadas pelo tato, não dariam o real sentido da altura de uma serra ou da extensão de um rio.

A professora informava que o Pico do Jabre é o ponto mais alto da Paraíba, com 1.197 m, e os alunos ouviam e imaginavam que formas geométricas teria este gigante.

Felizmente, a professora começou a inquietar-se e inconformar-se em apenas repassar informações tão abstratas. As necessidades em tornar cada vez mais concretas estas informações para estes alunos faziam com que ela revolucionasse os outros setores da escola. Como fazer, por exemplo, para que crianças cegas tivessem idéia do teor da matéria que compunha as nuvens? E lá chegava na sala de aula uma simulação da disposição das nuvens, através de pedaços de isopor disformes presos a finos cordões de nylon, pendurados num céu imaginário.

Então, a professora resolveu romper os metros quadrados da sala de aula e nas primeiras excursões agiu exatamente como fazem os professores de muitas escolas. Não exatamente igual, pois se tratava de uma turma de crianças cegas, que por não enxergarem precisavam tocar nos objetos. Nos museus, por exemplo, por motivos de conservação das peças, somente aos cegos é permitido tocar, na maioria das vezes. Quando se trata de uma exposição de fotografias, estas são apenas descritas para eles, pois não apresentam nenhum relevo que possam

ser identificadas.

Ah, mas nas idas às reservas florestais abrigadas pelo IBAMA, as visitas aconteciam exatamente igual como em todas as escolas. Após um prévio agendamento, era designado um técnico do IBAMA que conduzia os alunos a um auditório onde era exibido um vídeo com a predominância de imagens, algumas narrações e em seguida explicações adicionais dadas pelo próprio técnico. As crianças, em sua maioria, internas no Instituto por serem oriundas da zona rural da Paraíba, eram surpreendidas por uma súbita tomada de consciência sobre a caça abusiva da arribaçã, que era mostrada em um vídeo à parte. A maioria confessava que a arribaçã era utilizada como um recurso alimentar comum em suas famílias e que a partir de então levariam essas informações aos seus pais.

Após essa conversa no auditório, as crianças eram levadas a um rápido passeio quase superficial nas reservas florestais, onde o que mais lhe chamava a atenção era a diferença climática, no dizer delas, a noção de um ambiente mais escuro, mais fechado e mais sombrio. Eram passeios tímidos, intercalados pelas observações da professora, onde era preciso atenção para as informações passadas pelo técnico, pois os alunos teriam que fazer um relatório da visita para obterem uma nota.

E vinham os relatórios, mais parecidos cópias, pois os cegos em geral têm excelente memória e têm grande habilidade de acumular as informações verbais recebidas. Havia algo errado, a professora sozinha não atinava com as razões, mas sair da sala de aula para aquelas visitas também estava se tornando algo rotineiro e abstrato.

Sim, numa dessas visitas ao IBAMA foi designado um técnico recém-transferido para a Cidade de João Pessoa. Num diálogo silencioso ele também estava inquieto e frustrado em acompanhar turmas e mais turmas de alunos naquelas visitas, que serviam muito mais para os alunos encherem cadernos de anotações para cumprir o formalismo da avaliação curricular. Ou seja, as crianças videntes só viam e os cegos, nada viam! E

o técnico juntamente com a professora começou a perceber que havia algo mais a explorar, que aquela rotina poderia ser rompida, reinventada. E lá estava o técnico travando seus primeiros conhecimentos com o método Braille, que permite o acesso à leitura e à escrita por pessoas cegas. E uma onda de curiosidade o invadiu. Que sentidos essas pessoas utilizam para perceber o mundo? Que pistas elas usam para elaborar suas construções mentais sobre o meio ambiente? Que pegadas elas utilizam para encontrar respostas para suas noções de tempo, clima, espaço? A professora esboçava algumas respostas advindas do seu próprio referencial simbólico de pessoa, cega, adulta, mas não eram suficientes. A própria professora tinha lacunas a preencher, recortes a descobrir, a conhecer. Resolveram então mudar a dinâmica e o enfoque dessas visitas, não que o auditório e a seção de vídeo não fossem importantes, mas eles queriam buscar respostas mais significativas, procurar nas matas, nos cordões que marcam encontros do rio com o mar, na solidez das falésias, no corpo dos pássaros. E um novo capítulo no fazer pedagógico desta turma começou a ser escrito.

A parceria com o técnico aos poucos dispensava a necessidade dos agendamentos burocráticos, levavam a turma de alunos, cerca de oito alunos no máximo, porque uma turma de crianças cegas sempre deve ser em menor quantidade, tendo em vista um ensino mais individualizado e uma equipe de professores videntes para ajudar na condução da turma. Os passeios nas reservas florestais passaram a ser mais ousados, mais extensos e logo perceberam as dificuldades colocadas pelos professores videntes que alegavam serem trilhas perigosas, acessos difíceis para serem trilhados por pessoas cegas. Desconfiavam que esses professores colocavam ali suas próprias dificuldades em romper com o espaço seguro da sala de aula, e atribuíam aos alunos e à cegueira, limitações que eram inerentes à sua própria falta de vontade de ir mais além. Os alunos ao contrário, queriam suar, cansar e se apropriar daquelas trilhas e de todos aqueles perigos anunciados. Cedo

dispensamos a companhia destes profissionais que respiraram aliviados e trocamos-a pela simpática ajuda dos policiais florestais que se dispunham e se integravam em conversas alegres e amistosas com os alunos. Ah, é verdade, na floresta poderia aparecer alguma cobra, afinal é ali o seu habitat. Por isso, sempre que possível um biólogo nos acompanhava na espreita destes animais, não para matá-las, mas apenas para avisá-las que estávamos ali só de passagem, que podiam ficar tranquilas! Registre-se que nunca tivemos o prazer de encontrar uma delas.

E então nos deparamos com uma árvore imensa, um jequitibá-rei. Ah, já que o tato é um sentido analítico, que percebe das partes para o todo, uma só criança ao apalpar esta árvore perderia a noção de sua dimensão. Para dar a noção deste diâmetro, fizemos a dinâmica do abraço do jequitibá e foram necessárias 12 crianças. Uma delícia, todos de mãos dadas festejando aquele enorme evento da natureza!

E eram trilhas realmente difíceis, capazes de deixar dores musculares em pessoas com pouco condicionamento físico. Pedços de troncos pelo meio do caminho, galhos pontiagudos a espreitar nossos rostos, passagens íngremes e estreitas, e os mosquitos, também naturais dali, que pegavam desprevenidos os que não viessem com roupa apropriada. Este cenário assim descrito realmente desanima pessoas de boa vontade que se dispuserem em acompanhar uma turma de crianças cegas, mas existem os teimosos, os desafiadores, os que acreditam que vale a pena investir esforços para contribuir com a formação de seres humanos. Os alunos sim, esses eram incansáveis, ruidosos e afoitos! Mas nem tudo era dificuldade, a sinfonia dos pássaros, a sombra das árvores e a maciez da serrapilheira nos nossos pés, era um convite a adentrarmos mais e mais naquela aprendizagem concreta e natural.

O técnico ia sempre na frente, abrindo caminho, chamando a atenção para árvores e flores exóticas, com formatos diferentes das conhecidas rosas e margaridas. Ia batendo pal-

mas que serviam de pista auditiva para a locomoção de todo o grupo.

E os alunos queriam mais, não queriam apenas caminhar, queriam se embrenhar nas profundezas daqueles conhecimentos. E parávamos num determinado trecho, onde eles eram distribuídos em distâncias, cada um ocupando um espaço onde havia uma árvore e o seu entorno. E eles eram orientados a usarem o corpo todo para construir suas percepções e radiografias daquele espaço e daquele momento. Estavam em lugar seguro, podiam caminhar, sentir o cheiro, o gosto, ouvir os ruídos, sentir o clima. E eles compartilhavam as narrativas e davam respostas as mais diversas, impossíveis de serem construídas a partir de informações verbais transmitidas em uma sala de aula.

E resolvemos ousar, experienciar, nada rigidamente programado. As sementes eram passadas de mão em mão, centenas de tipos, de diferentes tamanhos, formas, redondas, achatadas, finas, grossas, ásperas, lisas, pequenas, enormes, seria uma semente ou uma fruta? E eles podiam levar amostras, eram verdadeiros presentes! As mudas eram acariciadas com afeto, sim, porque pessoas cegas têm a exata noção da pressão certa que devem exercer nas pontas dos dedos para conhecer os diferentes tipos de objetos e de ambientes, devido à sua constante necessidade em tatear para conhecer o mundo. Todos querendo ter a sua própria árvore, mudas de jatobás e outras plantas que eles levariam consigo para acompanhar o seu crescimento. Os animais empalhados eram outra sensação. A investigação tátil encontrava detalhes que escapam aos olhos e que eles jamais podiam explorar caso esses animais estivessem vivos.

E os cajueiros estavam lá, porteiros da mata, espalhando-se com todas as ramificações que lhes permitisse o espreguiçar dos galhos, criando verdadeiros labirintos e entrançados.

E era preciso sentar no chão, e enterrar os dedos naquele tapete de folhas para descobrir, bem mais lá dentro,



afastadas várias camadas de folhas, o húmus na ponta dos dedos, “tão friozinho” com cheiro de terra molhada que a mata guarda com tanto cuidado!

Ah, os parasitas. A gente estudou nas aulas de Ciências. Eles estão ali, ao vivo, são disformes, verdadeiros pedaços de fungos, ah, como fedem a mofo!

Sempre bom um pouco de silêncio respeitoso, éramos visitantes, não invasores, os pássaros precisavam entender esta convivência amistosa.

E como se não bastassem os cipós, de todas as espessuras, encontramos verdadeiros bastões de cola, advindos da resina do cajueiro. E todos queriam molhar a resina para sentir a cola se desprendendo.

Em cada folha apalpada descortinava-se uma descoberta, enrugadas, lisas, grande, pequena, secas, molhadas, abrigo de salitre do mangue ou de parasitas comuns de plantas.

O aroma da amescla remeteu-nos a odores de remédios conhecidos para constipações nasais, bem como ao cheiro dos incensos de natal, que trazem bons fluidos para o ano vindouro.

Nossa! Cactáceas! Que perigo! E eles aprenderam a maneira correta de tocar numa dessas plantas e ninguém se machucou.

E a cada passeio, uma descoberta! Desta feita foi a anatomia dos pássaros. Os vivos foram colocados em suas mãos. Corpinhos suaves, sensíveis, corações batendo forte, também o das aves, mas elas mostraram que têm bicos! Mas havia aves congeladas para se fazer a necropsia de causa morte, vindas de apreensões do IBAMA, e estas também chegaram às suas mãos e puderam ser investigadas com mais vagar e riqueza de detalhes. Alguns até arriscaram dizer a espécie do pássaro em suas mãos.

O manguezal é um cenário extra. O seu cheiro característico, que, no dizer dos alunos, é um cheiro de coisa se apodrecendo, as folhas são mais grossas e cedo eles descobri-

ram que elas acumulam reservas de sal. Impossível que eles quisessem entrar naquela zona lamacenta e os caranguejos jamais suspeitavam que dedos hábeis descobririam seus esconderijos nas locas da lama. Nenhum livro didático ou descrição de um professor teria o poder de garantir a apropriação deste conhecimento por um estudante cego. A noção de um manguezal agora povoa os seus imaginários e pode ser usada até como linguagem poética em suas narrativas.

A intimidade com as reservas florestais foi um passo para novos horizontes. Na planície litorânea eles travaram conhecimentos com a solidez das falésias. Tentavam galgar aquelas rochas íngremes e disformes e na sua frustração diante de tão imponentes monumentos naturais, esquadriavam aquela solidez rochosa e até encontraram relevos que mais pareciam inscrições em Braille.

E ali estávamos nós, misturados ao cordão arenoso que separa o rio do mar, sim, um pé no rio outro no mar, duas sensações diferentes no movimento das duas vertentes. Testemunhos de mais uma aprendizagem significativa sentida na própria pele, gravada para sempre nos imaginários.

E todas as experiências aqui narradas parecem simples, cotidianas, comuns na vida de tantas pessoas. Desta feita, foram vividas no parâmetro da cegueira, livres de padrões visuais, onde tocar, cheirar, ouvir, sentir na pele, foram tônicas plenamente aguçadas. E a experiência ultrapassou o espaço físico da sala de aula, quebrou a rotina dos dias letivos, virou álbum de fotografias, vídeo premiado em festival de Educação Ambiental<sup>1</sup> e até ganhou *ibope* de publicação em revista internacional! Mas o que fizemos não tem mesmo nada de extraordinário, apenas optamos em registrar anotações a mais no nosso diário de classe. Não nos limitamos em registrar os conteúdos do currículo oficial, ao contrário, lemos nas

---

<sup>1</sup>N.E.: Souza, M.S.B. & Souza, E.A. **Ver pra quê?**. 1998; Vídeo; VHS. Festival de Vídeo sobre Educação Ambiental; 2º Lugar. Brasília: União Latino-Americana de Mulheres - ULAM.

entrelinhas, não nos conformamos com as propriedades insípidas, inodoras e incolores da água, buscamos outras águas, outras propriedades, outras consistências! E cada professor que tenha compromisso com a construção de conhecimentos poderá enriquecer suas anotações.

Dar mais brilho e sabor aos seus diários de classe. Desconstruir rotinas é criar conhecimentos, reinventar a Geografia e contar Histórias!

